

## OS TEMAS E OS PROBLEMAS

UM SABER EM ESPIRAL:  
DESAFIOS AO CONHECIMENTO  
HUMANO NO SÉCULO XXI

NESOLOGIA: PECULIARIDADES  
GNOSIOLÓGICAS DAS ILHAS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO E  
HUMANIZAÇÃO DA PAISAGEM

HISTÓRIA DA MADEIRA

CULTURA, LINGUAGENS E  
CRIAÇÃO ARTÍSTICA

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO  
HUMANA E PROFISSIONAL  
E DESAFIOS DA SOCIEDADE  
MADEIRENSE

POLÍTICA, SOLIDARIEDADES,  
COMUNICAÇÃO E DIÁSPORAS



Conhecer é a forma suprema da razão humana dominar o mundo, ou seja, de se sentir senhora da vida e da terra habitada. A sistematização do conhecimento de forma distinta e organizada por disciplinas decorre, entretanto, da vontade de ordenar o caos do saber. O conhecimento sistemático oferece-nos então um mapa orientador, que nos dá a impressão pacificante de que abarcamos a realidade e dominamos o caos.

Cada época cultural sentiu a necessidade de realizar esta sistematização, quer em versão de compêndios multidisciplinares, quer em versão de enciclopédia.

Esta obra resulta justamente de um evento científico realizado no quadro de um grande projeto de produção de um novo saber enciclopédico sobre a região autónoma da Madeira.

Foi a partir dos resultados de pesquisa e das reflexões apresentadas nesse evento que esta obra se estruturou, assumindo-se que o maior dos desafios seria uma aposta forte na interdisciplinaridade e na discussão das suas possibilidades e dos seus limites em tempos de acentuada especialização.

Os que se interessam pelos temas madeirenses, articulados e enquadrados por reflexões epistemológicas que interessam à problematização do processo de produção de conhecimento no século XXI, encontrarão aqui, com certeza, leituras estimulantes.

QUE SABER{ES}  
PARA O SÉCULO XXI?



HISTÓRIA, CULTURA E  
CIÊNCIA NA MADEIRA



# QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA



COORDENADORES  
JOSÉ  
EDUARDO  
FRANCO  
E CRISTINA  
TRINDADE

COORDENADORES  
JOSÉ EDUARDO FRANCO  
E CRISTINA TRINDADE

## OS AUTORES

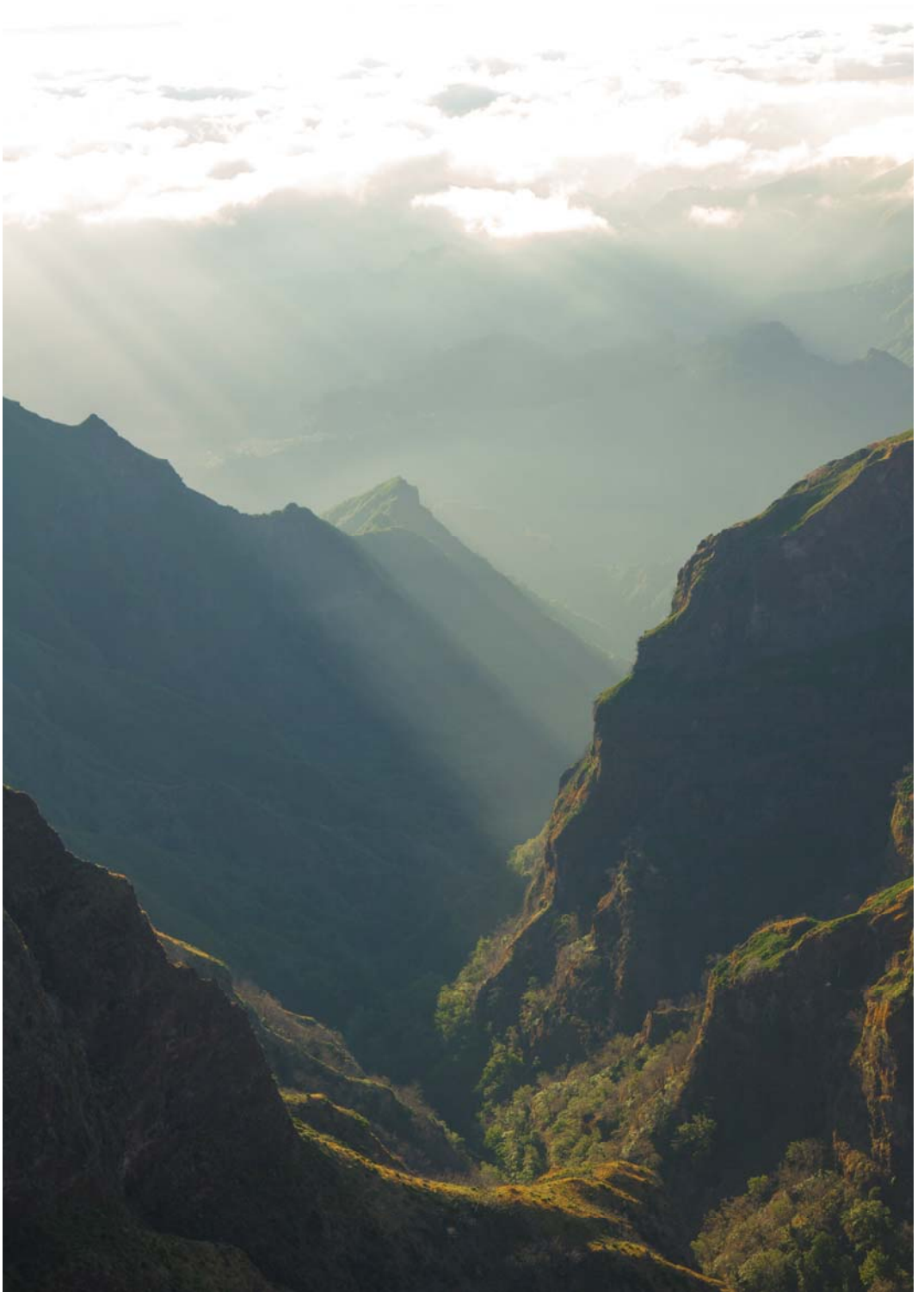
Alberto Vieira  
Aline Bazenga  
Ana Cristina Trindade  
Ana Londral  
Annabela Rita  
Carla Lucas  
Carlos Valente  
Catarina Faria  
Cristina Coelho  
Cristina Trindade  
Custódia Drumond  
Daniela Marcheschi  
Ernesto Rodrigues  
Filipa Oliveira  
Guilherme Silva  
Isabel Santa Clara  
Jacinto Jardim  
Joana Balsa de Pinho  
João David Pinto Correia  
João Relvão Caetano  
Jorge Freitas Branco  
José Eduardo Franco  
José Manuel Paquete de Oliveira  
José Renato Gonçalves  
Luís Machado de Abreu  
Luísa Marinho Antunes  
Luísa Soares  
Marc Augé  
Miguel Sequeira  
Nelson Veríssimo  
Paulo Miguel Rodrigues  
Raimundo Quintal  
Rui Carita  
Simão Silva  
Teresa Norton Dias  
Thierry Proença  
Thomas Dellinger  
Viriato Soromenho-Marques

Projeto 'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira'  
apoiado pelo programa Intervir +  
[www.aprenderamadeira.net](http://www.aprenderamadeira.net)



CLEPUL | Centro de Literaturas  
e Culturas Lusófonas  
e Europeias  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa





• COLEÇÃO ESTUDOS INSULARES •

DIREÇÃO

José Eduardo Franco  
José Manuel Paquete de Oliveira

CONSELHO CIENTÍFICO CONSULTIVO

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Rita Londral  
Carlos Valente, Cristina Trindade, Custódia Drumond  
Eduardo Jesus, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim  
João David Pinto-Correia, Jorge Freitas Branco  
José Agostinho Jardim Gonçalves, Luísa Marinho Antunes Paolinelli  
Luísa Soares, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo  
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Renato Gonçalves  
Rui Carita, Saturino Gomes, Sílvio Fernandes, Simão Daniel Silva,  
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger

A condição insular foi geradora de cultura, de literatura, de modos de estar e de pensar com matizes peculiares conferidos pela mundividência de quem nasceu com a marca de ter o mar como grande e vasta fronteira. Esta coleção pretende publicar obras sobre autores, temas e problemas que valorizem a herança cultural gerada nas ilhas, nomeadamente nas ilhas portuguesas.

# QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

---

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

---

Esta obra foi publicada no âmbito do projeto  
'Aprender a Madeira – Dicionário de História da Madeira',  
apoiado pelo programa 'Intervir +' [www.aprendermadeira.net](http://www.aprendermadeira.net)

#### TÍTULO

Que Saber(es) para o Século XXI?  
História, Cultura e Ciência na Madeira

#### COORDENADORES

José Eduardo Franco e Cristina Trindade

#### AUTORES

Alberto Vieira, Aline Bazenga, Ana Londral, Annabela Rita  
Carla Lucas, Carlos Valente, Catarina Faria, Cristina Coelho  
Cristina Trindade, Custódia Drumond, Daniela Marcheschi, Ernesto Rodrigues  
Filipa Oliveira, Guilherme Silva, Isabel Santa Clara, Jacinto Jardim  
Joana Balsa de Pinho, João David Pinto-Correia, João Relvão Caetano  
Jorge Freitas Branco, José Eduardo Franco, José Manuel Paquete de Oliveira  
José Renato Gonçalves, Luis Machado de Abreu, Luísa Marinho Antunes  
Luísa Soares, Marc Augé, Miguel Sequeira, Nelson Veríssimo  
Paulo Miguel Rodrigues, Raimundo Quintal, Rui Carita, Simão Silva  
Teresa Norton Dias, Thierry Proença, Thomas Dellinger, Viriato Soromenho-Marques

#### DIREITOS RESERVADOS

© Esfera do Caos Editores, APCA e Autores

#### DESIGN DA CAPA

DesignGlow

#### FOTOGRAFIAS EXTRA-CAPÍTULOS

(SEPARADORES DE PARTES E SECÇÕES, E PÁGINAS INICIAL E FINAL)

© Florentino Bernardes Franco

#### IMPRESSÃO E ACABAMENTO ACD PRINT

DEPÓSITO LEGAL 385734/14

ISBN 978-989-680-133-5

1ª EDIÇÃO Dezembro de 2014

ESFERA DO CAOS EDITORES

Campo Grande  
Apartado 52199  
1721-501 Lisboa

[www.esferadocaos.pt](http://www.esferadocaos.pt)

APCA – AGÊNCIA DE PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

Estrada Comandante Camacho de Freitas, 516  
9020-152 Funchal

[www.apca-madeira.org](http://www.apca-madeira.org)

# QUE SABER{ES} PARA O SÉCULO XXI?

---

HISTÓRIA, CULTURA E CIÊNCIA NA MADEIRA

---

COORDENADORES

JOSÉ EDUARDO FRANCO  
E CRISTINA TRINDADE

  
ESFERA DO CAOS  
EDITORES

  
apca  
AGÊNCIA DE | PROMOÇÃO DA CULTURA ATLÂNTICA

# Em torno da História da Educação

Nelson Veríssimo

Universidade da Madeira  
CHAM<sup>1</sup>

---

Antes de mais julgamos pertinente refletir, ainda que de forma breve, sobre a História da Educação, enquanto disciplina científica, até porque, neste domínio e sobre a Madeira, revela-se bastante reduzida a produção historiográfica e, nalguns casos, esta ressentir-se da falta de formação em História dos seus autores<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores.

<sup>2</sup> Para além das obras de carácter geral, salientamos as seguintes: N. Veríssimo, “António Aurélio da Costa Ferreira: educador antijesuíta”, *Revista O Professor*, III: 91 (Set.-Dez. 2005), Lisboa, pp. 60-64; F. Lume, “O ensino primário na Madeira nos inícios do século XX: práticas discursivas e quotidianos escolares”, *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Uberlândia, EDUFU, 2006, pp. 3319-3329; N. Veríssimo, “O estabelecimento da Escola Lancasteriana no Funchal”, *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Uberlândia, EDUFU, 2006, pp. 2478-2483; H. C. S. Teixeira, *O Liceu Nacional do Funchal (1837-1900): subsídios para a sua história*, dissertação de mestrado em História apresentada à Universidade da Madeira, 2006; N. Veríssimo, “A Instrução Primária Pública para o sexo feminino: a *Escola de Meninas* de Câmara de Lobos”, *Revista Girão*, II: 2 (2006), Câmara de Lobos – Madeira, G.D.E., pp. 69-74; *Idem*, “A Escola Pública de Meninas do concelho de Câmara de Lobos: o discurso inaugural do Comissário dos Estudos”, *Revista Girão*, II: 3 (2007), Câmara de Lobos – Madeira, G.D.E., pp. 53-57; *Idem*, “Ensino Mútuo: uma experiência de sucesso?”, in J. M. Sousa (org.), *Educação para o sucesso: políticas e actores: actas do IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, Funchal, S.P.C.E., 2007, pp. 61-70; F. Abreu, “A instalação do ensino técnico e profissional no Funchal”, *Leia S. F. F.*, 26 (Abr.-Jun. 2008), Funchal, E.S.F.F., pp. 35-38; *Idem*, “Um património aguarda mecenas...”, in *Ilharq*, 8 (2008), Machico, pp. 48-59; P. D. Braga, “Instruir e educar na Madeira (1844-1859)”, *Islenha*, 44 (2009), Funchal, D.R.A.C., pp. 34-42; N. Veríssimo, “O Vintém das Escolas”, *Islenha*, 48 (2011), Funchal, D.R.A.C., pp. 87-96; F. Lume e T. Florença, “Escolas de Habilitação para o Magistério Primário na Madeira: 1900-1982”, in J. Pintassilgo (coord.), *Escolas de Formação de Professores em Portugal*, Lisboa, Colibri, 2012, pp. 287-331.

Em França, nos finais dos anos sessenta do século XX, com a entrada oficial das Ciências da Educação nas Universidades de Paris, Bordéus e Caen, a História da Educação foi considerada uma ciência da educação, por sinal das mais antigas, porquanto, desde o século XIX, faz parte da formação de docentes, principalmente nas Escolas Normais<sup>3</sup>.

Para Gaston Mialaret, a História da Educação levava-nos a “compreender a evolução, os processos de mudança, as etapas, as acelerações, os afrouxamentos” e permitia “fazer um balanço mais claro e sobretudo mais inteligível da situação da educação atual”<sup>4</sup>.

Segundo o fundador das Ciências da Educação na Universidade de Caen, a História da Educação dedica-se ao estudo do pensamento pedagógico (ideias em educação, conceções gerais), métodos e técnicas pedagógicas e instituições pedagógicas.

Por não constituir “um simples olhar deitado sobre o passado”, mas, antes, “uma das ferramentas poderosas da compreensão do presente”, pertencia de direito à família das Ciências da Educação, na categoria das que estudavam as condições gerais e locais da educação.

Anos depois, Mialaret, refletindo sobre problemas e dificuldades encontrados pelas Ciências da Educação em França entre 1968 e 2005, reconheceu que, desde o início, foram estas ciências confrontadas com um problema epistemológico que importava discutir:

- As Ciências da Educação existirão?
- Não serão as Ciências da Educação apêndices de outras disciplinas científicas, como os próprios nomes indicam: História da Educação, Filosofia da Educação, Psicologia da Educação ou Sociologia da Educação?

---

<sup>3</sup> Recorde-se, por exemplo, os seguintes manuais de História da Pedagogia ou da Educação: J. Paroz (1824-1906), *Histoire universelle de la pédagogie*, Paris, Delagrave, 1867; F. Dittes *Histoire de l'éducation et de l'instruction*, Paris, Droin, 1880; G. Compayré, *Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le seizième siècle*, Paris, Hachette, 1879; P. Rousselot, *Histoire de l'éducation des femmes en France*, Paris, Didier, 1883; F. A. do A. Cirne Júnior, *Resumo da História da Pedagogia*, Porto, Livraria Universal de Magalhães e Moniz, 1881; É. Durkheim, *L'évolution pédagogique en France (Cours pour les candidats à l'Agrégation prononcé en 1904-1905)*, Paris, F. Alcan, 1938.

<sup>4</sup> G. Mialaret, *As Ciências da Educação*, Lisboa, Moraes Editora, 1980, p. 41.

Para o especialista, as Ciências da Educação não são constituídas pela utilização de determinada disciplina no âmbito da educação ou pela sua aplicação à educação. Fundamental é analisar a realidade educativa a partir de perspectivas diversas, mas complementares, e adoptar uma atitude multireferencial:

[...] les sciences de l'éducation sont constituées par l'ensemble des disciplines qui observant, étudiant, analyse scientifiquement les situations éducatives, leurs conditions d'existence, leur évolution... Affirmant leur unité ce n'est pas refuser leurs contacts, collaboration avec les autres disciplines du champ scientifique actuel<sup>5</sup>.

Por sua vez, Guy Avanzini considerou fundamental que as várias disciplinas se interessassem por estudar a educação com as suas próprias metodologias e problemáticas. Reconheceu também a possibilidade de um especialista numa determinada área abordar a educação unicamente na sua perspectiva e recusar confrontos com reflexões oriundas de outras áreas. Contudo, preconizou a interação que possibilita a passagem da pluridisciplinaridade à interdisciplinaridade que permite cruzar metodologias e comparar conclusões com o intuito de uma maior inteligibilidade do fenómeno educativo. Acrescentou ainda que a investigação nestes moldes “legítima e válida epistemologicamente o conceito de ciências da educação.” Por fim, concluiu:

A complexidade do objecto educativo, que rejeita que a sua análise se esgote numa abordagem unidisciplinar, é uma diversidade que exige ser reconhecida como objecto de uma indispensável interação e não como palco de conflitos territoriais, travados em nome de pretensões hegemónicas para conseguirem alterações de fronteiras ou eliminação de alguns adversários. Sem menosprezar as metodologias nem diminuir as teorias das diferentes disciplinas, deve procurar confrontar-se com elas para atingir um conhecimento mais profundo, apurado e pormenorizado do facto educativo<sup>6</sup>.

Toda esta argumentação tem servido para aclarar um problema epistemológico, há muito reconhecido, dada a pluralidade das Ciências da Educação.

---

<sup>5</sup> G. Mialaret, *Problèmes et difficultés par les sciences de l'éducation en France (1968-2005)*, 2007, p. 62.

<sup>6</sup> A. D. Carvalho (coord.), *Dicionário de Filosofia da Educação*, Porto, Porto Editora, 2006, p. 51.

No caso concreto da História da Educação, nenhuma análise credível pode ser feita à realidade educativa do passado sem o recurso à História em geral ou a diversos ramos do saber historiográfico, e ainda a muitas outras disciplinas de que o historiador, com frequência, tem necessidade de se socorrer. Obrigatoriamente, pratica-se a interdisciplinaridade, para compreender e explicar as vivências sociais pretéritas.

Para muitos investigadores, a História da Educação está associada à História da Cultura. Lorenzo Luzuriaga (1889-1959), por exemplo, é peremptório ao afirmar em meados do século passado: “A história da educação é parte da história da cultura, tal como esta, por sua vez, é parte da história geral”<sup>7</sup>.

Mais recentemente, Philippe Poirrier afirmou:

L’histoire de l’éducation constitue, par son objet et les méthodes mises en œuvre, un secteur moteur de l’histoire culturelle même si son ancienneté, les modalités de son institutionnalisation contribuent à en faire un secteur largement autonome de l’école historique française<sup>8</sup>.

Por outro lado, François Jacquet-Francillon, analisando a produção historiográfica no âmbito da Educação, dentro e fora das Ciências da Educação, concluiu:

L’histoire de l’éducation et de l’enseignement, qui est familière dans les sciences de l’éducation, est une histoire-mémoire qui emprunte ses démarches et ses objets à l’histoire classique des idées. Elle a trois caractéristiques principales: 1) elle se centre sur des auteurs et des œuvres; 2) elle s’intéresse d’abord aux origines des doctrines et des institutions; 3) elle prête une efficacité spéciale aux idées dans l’histoire. On pourra saisir sa différence avec l’histoire socioculturelle développée ces dernières années à l’extérieure des sciences de l’éducation, si l’on prend pour exemple les résultats obtenus par cette dernière sur le terrain de l’histoire des savoirs scolaires<sup>9</sup>.

Esta nova visão sobre as relações entre as práticas escolares e os contextos socioculturais exteriores, naturalmente mais ampla e, por

---

<sup>7</sup> L. Luzuriaga, *História da Educação e da Pedagogia*, São Paulo, Ed. Nacional, 1971, p. 1.

<sup>8</sup> P. Poirrier, *Les enjeux de l’histoire culturelle*, Paris, Ed. du Seuil, 2004, p. 131.

<sup>9</sup> F. Jacquet-Francillon, “L’Histoire de l’Éducation et de l’Enseignement dans et hors les Sciences de l’Éducation”, in *Questions vives: A. Vergnoux (dir.), 40 ans des sciences de l’éducation. L’âge de la maturité?*, Caen, P. U. de Caen, 2009, p. 129.

consequente, mais próxima da realidade, vem também acentuar a ligação da História da Educação à História, com possibilidades de renovação de alguns campos da historiografia, sobretudo com os contributos da Escola dos *Annales* e a *Nouvelle Histoire*.

Diversos historiadores da educação têm sublinhado certa desarmonia entre a História da Educação e as Ciências da Educação e ainda o convívio embaraçoso da especialidade no interior da História, situação hoje praticamente ultrapassada.

António Nóvoa assinalou, em 1993, uma “dupla marginalização” da História da Educação:

[...] no seio da História jamais se lhe reconheceu um estatuto autónomo, o que dificultou um investimento científico estável e consistente – na melhor das hipóteses, verificaram-se algumas “passagens breves” por este campo (as quais, reconheça-se, deram por vezes origem a trabalhos de grande qualidade e interesse); no seio das Ciências da Educação sempre se olhou com desconfiança para uma disciplina que não podia dar respostas imediatas aos problemas escolares e pedagógicos<sup>10</sup>.

Porém, adicionou a este quadro negativo incentivos e propostas para uma “nova cultura de investigação” e uma “nova agenda de investigação”. Justificou então Nóvoa: “O entre-lugar da História da Educação é propício a um diálogo *inter*-disciplinar, útil para uma apreensão mais dinâmica de realidades impossíveis de estudar numa perspectiva *intra*-disciplinar”<sup>11</sup>.

Propõe, por conseguinte, a renovação dos objetos de estudo, deixando a História da Educação de se interessar somente pela evolução do sistema educativo e das ideias pedagógicas. A eleição de novas temáticas deveria contemplar o quotidiano escolar, as práticas pedagógicas, os actores educativos, a educação de adultos, a educação colonial, a higiene e a saúde escolar, as mulheres e a educação, os movimentos de juventude, a educação familiar, a assistência e protecção a menores, a educação especial, os processos de alfabetização, as práticas de leitura, os currículos, etc.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> A. Nóvoa, “Perspectivas de renovação da História da Educação em Portugal”, in A. Nóvoa e J. Ruiz Berrio (eds.), *A História da Educação em Espanha e Portugal: investigações e actividades*, Lisboa, S.P.C.E., 1993, p. 11.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 14.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 19.

Novos hábitos de investigação e uma renovação temática haveriam de trazer à História da Educação identidade sólida, “contribuindo para que deixe de ser vista como uma espécie de subproduto da História Geral”<sup>13</sup>.

Por sua vez, Rogério Fernandes (1933-2010), associando a História da Educação à História Social, preconizava outro lugar para a nossa disciplina: que a História da Educação deixasse de ser apenas um instrumento formativo de professores e educadores, “para ser também uma experiência de produção do ‘saber histórico’ em ordem à compreensão dos tempos da história”<sup>14</sup>.

Em seu entender, a unidade do saber histórico incorpora logicamente a História da Educação, como ciência social e histórica.

Nos finais do século XX, António Nóvoa considerou um “falso problema” ou “questão circular que encerra o debate em dicotomias insuportáveis”, a interrogação frequente sobre se a História da Educação é História ou Educação. Sublinhando que a História da Educação “construiu objetos específicos e uma comunidade científica dotada das suas próprias regras e meios de comunicação”, requisitos fundamentais para a definição de um campo disciplinar, Nóvoa deixou claro, invocando Marc Bloch e Vitorino Magalhães Godinho:

A História da Educação deve ser justificada, em primeiro lugar, como História e deve procurar restituir o passado em si mesmo, isto é, nas suas diferenças com o presente<sup>15</sup>.

Antonio Viñao reconheceu também, na História da Educação, uma dupla face, uma espécie de Jano bifronte:

La doble configuración de la Historia de la Educación como disciplina y campo de investigación inserta en el ámbito académico de las ciencias de la educación que, al mismo tiempo, puede definirse como una historia sectorial más, es decir, como aquella disciplina histórica cuyo campo de estudio y análisis es la educación, constituye, en sí misma, una primera causa de tensión institucional y práctica que la ha acompañado desde su aparición en el mundo universitario. Dicha configuración obliga, de un modo u otro, a cubrir o atender dos audiencias con

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>14</sup> R. Fernandes, *A História da Educação e o saber histórico*, Lisboa, 1998, p. 67.

<sup>15</sup> A. Nóvoa, “Apresentação”, in F. Cambi, *História da Pedagogia*, São Paulo, Ed. UNESP, 1999, p. 13.

intereses, formación y mundos académicos y de investigación bien diferenciados: la de los científicos de la educación y la de los historiadores<sup>16</sup>.

No âmbito da formação de profissionais da área da Educação, a unidade curricular de História da Educação trata da realidade educativa do passado, mas relaciona-se com outros campos da História e da Educação.

Com efeito, as divisões do campo científico são traçadas com linhas artificiais. Existem apenas pela necessidade de sistematizar, tendo em vista pesquisas e conhecimentos mais aperfeiçoados de determinados ramos do saber.

A propósito, convém recordar as palavras sagazes de Lucien Febvre (1878-1956), quando acentuou, em *Combates pela História*, “que o objecto dos nossos estudos não é um fragmento do real, um dos aspectos isolados da atividade humana – mas o próprio homem, entendido no seio dos grupos de que faz parte”<sup>17</sup>.

No entanto, se as delimitações de diferentes campos se têm revelado, na sua maioria, úteis e fundamentais ao progresso científico, já os muros criados à volta de uma determinada área, cerrando barreiras como se determinada ciência fosse um compartimento estanque, constituem desastrosos empecilhos à cooperação, à inovação e à compreensão da totalidade, tão cara à filosofia e tão importante para a ciência contemporânea.

Permanece atual o aviso de Marc Bloch (1886-1944), depois de salientar que “as investigações históricas não suportam nenhuma autarcia”: “Isolado, ninguém compreende as coisas senão por metade, mesmo no seu próprio âmbito de estudos”<sup>18</sup>.

A História faculta-nos a consciência do todo que constitui o passado do Homem. O historiador tem, obrigatoriamente, de valer-se de outros saberes para compreender e explicar as vivências sociais.

Em História, revela-se prática constante ou frequente o intercâmbio com várias ciências ou a colaboração recíproca. Por outro lado, o historiador consciente sabe perfeitamente que os territórios da sua arte

---

<sup>16</sup> A. Viñao, “La Historia de la Educación ante el siglo XXI: tensiones, retos y audiencias”, in M. Ferraz Lorenzo (ed.), *Repensar la Historia de la Educación*. Madrid, Biblioteca Nurva, 2005, p. 149.

<sup>17</sup> L. Febvre, *Combates pela História: vol. 1*, Lisboa, Presença, 1977, p. 41.

<sup>18</sup> M. Bloch, *Introdução à História*, Lisboa, Europa-América, 1974, p. 46.

podem constituir especialidades ou subespecialidades. Todavia, serão sempre partes de um todo, divisível apenas por abstração. Falamos em História Económica, História Social, História Política ou História Cultural. Mas todas estas especialidades são História. Representam sofisticadas divisões para o desenvolvimento de uma investigação mais profícua.

A História da Educação é, legitimamente, História, porque constitui parte integrante da disciplina mãe e utiliza a sua metodologia peculiar, pese embora a sua afirmação académica no âmbito das Ciências da Educação e os laços que mantém com este campo pluridisciplinar<sup>19</sup> ou transdisciplinar<sup>20</sup>, devido à natureza do objecto de investigação.

Para Justino Magalhães, “é historicizando a realidade educativa que o historiador reinventa a sua identidade e o seu lugar no quadro interdisciplinar das Ciências da Educação”<sup>21</sup>.

Estuda uma parcela da atividade humana – a educação. Considera, porém, em devida conta, outros aspectos da vida do Homem em sociedade e as estruturas políticas, administrativas, económicas, culturais e religiosas. Constitui, sem dúvida, uma disciplina da área da História, uma investigação sectorial da História que contribui para a compreensão de um fenómeno com carácter multidimensional<sup>22</sup>.

A sua natureza é radicalmente histórica, mas, como afirmou Nóvoa, “a afirmação da História da Educação não pode fazer-se ‘para dentro’, mas antes exprimir-se na interação com outras disciplinas e domínios do saber”<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> G. Mialaret, *As Ciências da Educação*, Lisboa, Moraes Editora, 1980, pp. 70-72.

<sup>20</sup> A. D. Carvalho, *Epistemologia das Ciências da Educação*, Porto, Afrontamento, 1996, p. 102. Adalberto Dias de Carvalho, nesta obra, preconiza uma *ciência da educação* com carácter transdisciplinar, não apenas ciência descritiva, mas também normativa, com uma *componente utópica* e que se apresentará “como mais uma ciência humana”.

<sup>21</sup> J. Magalhães, “A História da Educação em Portugal: temas, discursos, paradigmas”, in J. Pintassilgo *et al.* (org.), *A História da Educação em Portugal: balanço e perspectivas*, Porto, Asa, 2007, p. 34.

<sup>22</sup> Tem particular significado o facto de o evento ISCHE 32 – International Standing Conference for the History of Education (32.<sup>a</sup> Session): Discoveries of Childhood in History, fazer parte do 21.º Congresso Internacional das Ciências Históricas (ICHS), que decorreu de 22 a 28 de Agosto de 2010 em Amsterdão, e ainda o facto de estar o ISCHE filiado nesta organização internacional.

<sup>23</sup> A. Nóvoa, “Perspectivas de renovação da História da Educação em Portugal”, in A. Nóvoa e J. Ruiz Berrio (eds.), *A História da Educação em Espanha e Portugal: investigações e actividades*, Lisboa, S.P.C.E., 1993, p. 14.

Atualmente, já não se encara a História da Educação como a disciplina que, aos futuros professores e educadores, facultava imprescindível formação pedagógica para o exercício da sua profissão, com base nos exemplos do passado, na esteira da História da Pedagogia. Na verdade, não se lhe reconhece hoje uma aplicação imediata na atividade prática lectiva. Revela-se, todavia, fundamental para a compreensão dos problemas educativos, e esclarecedora, em especial, para quem tem de intervir nesta área, nomeadamente nas questões de planeamento ou na preparação de reformas educativas<sup>24</sup>.

Por meados do século XX, René Hubert (1885-1954) abria o prefácio da sua História da Pedagogia com esta frase lapidar: “Não há doutrina pedagógica concebível, grande reforma exequível, sem conhecimento geral dos factos e das teorias do passado”<sup>25</sup>.

Para Nóvoa, há, na atualidade, uma *diversificação* de perspectivas na História da Educação como unidade curricular do ensino superior:

[...] por um lado, há uma espécie de redescoberta da especificidade das temáticas escolares e do papel dos diferentes atores educativos e da sua experiência; por outro lado, há uma tendência para retomar práticas de história intelectual e cultural a partir de novas concepções teóricas; finalmente, há um regresso às origens da História da Educação através de uma revalorização das abordagens comparadas<sup>26</sup>.

Na verdade, a História da Educação possibilita uma melhor compreensão dos problemas educativos do presente e a tomada de consciência da evolução, em diferentes contextos, do tratamento das questões da educação, por vezes lento e, por outras, precipitado e atabalhoado, num labor onde utopias, ideologias, diretrizes políticas e constrições conjunturais conviveram lado a lado em numerosos projetos e reformas, mais ou menos refletidos, mais ou menos planeados, e cuja execução nem sempre correspondeu aos objectivos traçados.

---

<sup>24</sup> Cf. A. D. Carvalho, *op.cit.*, p. 99.

<sup>25</sup> R. Hubert, *História da Pedagogia*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1957, p. VII.

<sup>26</sup> A. Nóvoa, “História da Educação: percursos de uma disciplina”, in *Análise Psicológica*, n.º 4 (XLV), Lisboa, I.S.P.A., 1996, p. 420.